

AMERICA

JORNAL NOTICIOSO, LITTERARIO E SCIENTIFICO

SEGUNDA-FEIRA
10 DE OUTUBRO
ANNO I. N. 44

PROPRIETARIOS: ZACARIAS SALCEDO & M. J. ESTRELLA

REDACTORES: DIVERSOS
Preços: por trimestre 24000 réis para esta cidade; pagamento adiantado.

PUBLICA-SE
NO RIO GRANDE
1870

LITTERATURA

CORINA

(Ao meu sympathico amigo Manuel Jacintho da Cunha.)

ESCRITTA EXPRESSAMENTE
PARA O JORNAL « AMERICA »

Era uma tarde de Setembro, linda como os castos amores de uma virgem, dourada como os sonhos de um poeta.

A natureza risonha admirava o céo, e o céo cobria-lhe de beijos nas azas da meiga briza.

A jurity, o sabiá e o pintasilgo soltavam hymnos que repercutiam na esphera do futuro, na solidão do passado e nas galas do presente!

As levasdas mares do Guahyba, que rolavam pela praia, banhavam levemente os arrabaldes da mimosa cidade.

Um moço de vinte annos, dotado de uma physionomia agradável, apreciando um charuto de Havana, profundamente admirava o sublime mysterio da creação.

Esse moço era Julio de Oliveira. Depois de algum tempo approximavam-se ao mesmo lugar quatro encantadoras jovens, acompanhadas de uma respeitavel senhora.

Julio, na idade dos sonhos do gozo e da vida, despertára de sua lethargia, contemplando as delicadas moças.

Distiguo d'entre ellas uma moreninha filha dos ardores do sol da America: seus labios eram lindos como o mimoso botão de rosa; seus olhos negros; as tranças dos seus cabellos igualavam a côr do ébano, e brincavam ás vezes em redor de seus seios, fructos queridos de uma arvore adorada; seus dentes perolas finas do mais puro marmore.

Era bella como a rola, ingenua como a violeta, modesta como a sensitiva!

Essa joven que despertára a attenção de Julio pelo realce de sua belleza e pelas travessuras de sua idade, era Corina, flôr flexivel que entre-abria á decima quinta primavera de uma existencia risonha.

O mancebo seguio passo á passo o caminho por onde iam Corina, suas amigas e sua mãe, que vindo de um passeio recolhiam-se á sua residencia na rua A.....

Corina estranhando o modo pouco vulgar de moço olhava-o com attenção e elle acompanhando-a procurava saber a sua morada.

Finalmente chegando á casa da rua indicada ella despedio-se de suas ami-

gas visinhas, recolhendo-se com sua mãe.

O campanario da Sé annunciava a hora do crepusculo; a natureza ia silenciosa approximando-se do leito, os passaros adormeciam, as flôres murchavam e a brisa entoava uma nenia de saudade.

Julio, estudante e poeta, tocava violão, e cantava os hymnos de sua infancia nos ardores de seu instrumento dilecto.

Nunca tinha amado, nem sabia o que era amor de coração, traduzido por um olhar e um sentimento de donzella!...

Acostumado ás luctas das paixões mundanas, julgava encontrar n'esse virgineo sentimento a febre lasciva de seus prazeres...

Mas amou n'essa tarde, apaixonou-se n'essa noite, e delirou n'uma hora phantastica e mysteriosa!

Afinando a lyra, foi em notas de harmonia dedilhar a seguinte canção junto á janella da casa de Corina:

Vi-te acordado,
Mas julguei um sonho...
Vi-te dormindo
E acordei risonho!

A vida é somno
Não havendo amor!
Hoje aqui vivo
N'um prazer ou dôr...

Sonhei vivendo,
E adormeci contigo...
Meu pensamento
No teu peito ligo...

Assim, se existo
Tu serás a vida!
Quero alimento
Em teu amor, querida!...

E assim continuava o mancebo, todas as noites, a despertar no pensamento da donzella esta trova de amor.

Julio adquirindo, pela sua jovialidade, relações de amizade, com a familia de Corina, pediu á essa joven uma entrevista.

Corina, possuindo uma alma santa, um coração meigo, e um peito puro quiz resistir ante esse passo. Mas, era o primeiro amor, obstinado e ardente como são todas as paixões que arrastam muitas vezes os homens ao abyssmo insensível da devastação, e as virgens inexperientes e fracas aos degrãos da prostituição!.. Ella não pôde negar, portanto ao seu amante a entrevista fatal....

Eram 10 horas da noite.
Erguia-se no firmamento a mages-

toza lua, suspiravam as auras; e as flôres aromatizavam o espaço, como o purificado incenso que vai beijar os pés de Deus.

N'essa hora Julio estreitava nos braços uma donzella innocente e destruindo os seus sonhos de felicidade.

(Continua.)

PAGINAS INTIMAS

Á ELLA...

(FRAGMENTOS)

NH...! NH...!

Ella dorme! e o seu dormir é sereno como o dos anjos, mas o seu sonhar quem nol'ô dirá que não é triste e doloroso como são na vida os momentos desgraçados.

III

Quão barbaro fui, ó meu Deos! Impianamente roubei a doce paz da mulher que me amava com todo o merito de seu pudor com todo o brilho de sua virtude, e—louco—acarnei de seu santo amor!.. misero viandante do Destino, eu desde a immensidade de meu doloroso soffrer maldigo teus passos que me serviram de guia, e aconselharam-me o descerço!

Perdão, M...! Eu sou muito culpado; sou um monstro de iniquidade....

mas, saudoso e cheio de remorsos já não sou o mesmo: a asperesa de minha ingratitude passada, ignala hoje ás settas que n'um continuo soffrimento me trespassam alma e coração!

Ouve-me, imagem querida, expressão doce do passado, derradeira esperanza de meu futuro: ouve-me...levanta os teus languidos e mimosos olhos, e fita-me com a suave e vivificante expressão d'out'ora!

Não negues ao misero que geme sob o peso do arrependimento, os dotes grandiosos que se aninham em teu coração de virgen, e lê em meu semblante a pallidez da morte, o oasis do afflicto!...

Terrivel élo de ferro aperta, sem dó, o meu coração... Tenho o cérebro escaldado pela febre do desespero!...

Sinto a vida escorregar rapida e cruelmente!...

Oh! perdão! piedade!...

Ah!...

Eil-a que desperta, e me estende os braços!

Graças, meu Deos; quanto sois justo e omnipotente!...

IV

—Obrigado, M....

Este abraço que me dás será o funal
precioso que guiará meus passos na
senda do porvir—da felicidade!

Nunca te olvidarei, mulher de meus
sonhos! juro-te por Deus, que nos ou-
ve, amar-te mesmo além do frio da
morte!...

Porto Alegre, Setembro 30—70.

C....

POESIAS

O POETA MORIBUNDO

Vejo perto o meu fim. D'aquellas horas
Afortunadas, preches de esperanças,
Restam no fio coração, apenas
Pallidas lembranças.

A vista se escurece. A cada instante
Mais um raio vital no abismo some,
Enquanto canta alegre á cabeceira
O phantasma da fome.

O espirito — borboleta — se diaspando
Da chrysalida vil. Os labios roixos
Tentam cantar em vão da lyra as cordas
Percorrem dedos froids.

Minha mãe já não vive. Meus amigos,
Esses minha lembrança trazem morta,
Essa que tanto amei... silencio misero!...
Oh! morte abre-me a porta!

O que escuto, porém? Um som de passos
Sobre a escada. Eil-o perto! Linda mais perto
Quem póde a taes horas visitar

Neste sitio deserto?

Ranço a porta. Quem é espectro errante?
Se é mendigo que foges do ralento,
Volve atrás. Nesta ruínas os meus amigos
São a chuva e o vento.

Se vestes ciro e purpura, que buscas?
Vens tu zombar de mim na soledade?
Maldição sobre ti... «Abre-me a porta!»
«Eu sou a eternidade.»

S. Paulo.—

L. S. M. de Barros

(Da Imprensa Academica.)

SYMPATHIA

(No album de meu collega J. J. Cezar.)

Bem sinto não ser poeta,
Não ter lyra, nem talento,
Para depôr em teu album
Perfumes de sentimento.

Mas como pedes um canto
A' quem não sabe trovar,
Verás, em vez de harmonia,
Um prito triste a chorar!...

Não tenho hymnos de amor,
Nem canções de melodias;
Canto os thrônes da desgraça,
Na existencia dos dias!

Vimeu passado sumir-se
Qual uma nuvem que passa!
O presente é tempestade,
No futuro que esvoaça!...

Neste teu livro florente,
Que vem fazer o meu canto?
Em vez de soltar as notas,
Prende uma folha no pranto!

Assim pois, sincero amigo,
Minh'alma que te aprecia,
Em vez de rosas e hymnos
Te dedica — sympathia!

Porto Alegre, Setembro 1870.
Aureliano P. de Abreu.No album de A. B. Palha-
res.

Horas da tarde quando o valse veste
Do véo saudoso que descendo vem,
Pallidas sombras do crepusculo umbroso,
Nas mattas ermas, na montanha alem!

Brizas da tarde que brincas co's flores,
Da verde selva na vidente alfombra,
Que aspirar-vos a minh'alma afflicta,
Que triste vive da descrença á sombra.

Paisagens, montes, verdejantes prados
Fallaes d'esperança, no florir, ua cor,
Mas a minh'alma que esvoaça incerta,
Chora a lembrança de perdido amor!

Sonhos de gloria que sorriste um dia
Na voz longinqua de um porvir além
Desfaz-se o prisma que atravez vos tinha
Nesse passado que fugio tambem!

Aves nocturnas que na matta piam
Quando no céu o temporal ribomba,
Voz agoureira, que bradaes nos echos,
— «Tua esperança no sepulchro tomba.» —

Pavidas noites do funesto encanto,
Nuvens espessas pelo céu tristonho,
Tambem da vida, no meu céu toldado,
Tombou sinistro, ribombar medonho!

Ai! quero amar-vos, solidão da noite,
Flores myrradas pelo sol do inverno,
Aves nocturnas, funeras cyprestes,
Magons e dôres de um soffrer eterno!

Luz semi-viva que allumia as campas,
De quem no olvido sepulchral já dorme;
E' como o facho que illumina as trevas,
Da minha vida n'um soffrer enorme!

Eu amo tudo que soluça e gema;
Um céu escuro, — o divagar da lua;
Porque na vida já não tenho esperança,
De riso e gozos, a minha alma é nua!...

Rio Grande — 1870. J. P. Ribeiro.

Falla....

A' M.... F....

Falla-me, anjo de luz!...
Rosmo.

Tu illudus, donzella!... os teos sorrisos
Não valem só p'ra mim
E' fingindo o que dizem tão travessos
Teus labios de carmin?!

Eu bem sei que tu zombas dos protestos
De meu sincero amor!...
Que despresas os votos de minha alma
Não negues, linda flor!

Prostados queres vêr em teus altares
Adoradores mil...
E formozo te mostras sempre a todos
Seductora e gentil!...

Porque á prece acceitaste fervorosa
Que me ouviste jurar?...
Porque assim prometias esperanças
Se havias de enganar?!

Ai, fingias descrever dos meos aneios
No coração sentidos...
Orgulhosa forpavas-me a dizer-te
Mil votos repetidos!...

E zombavas de mim que sei amar-te
Com ardente paixão!
Eu que juro prestar-te estremecido
Eterna adoração...

Eu bem sei que tu peito não palpita
Com paixão de mim...
Inconstante só queres divertir-te
Com amores sem fim!...

Sei que sentes prazer em ser voluvel
A todos illudindo...
E por isso sorris sempre encantada
Faceira seduzendo...

Ai, porque acceitaste ao pobre vate
A sua crença e fé...
Porque... se o amor que lhe votaste
Verdadeiro não é?!

Ah! Senhora! accaso a voz dos anjos
Enganosa será?
A pureza do céu, santa innocencia
O crime ensinará?!

Oh! não creio que sejas refalsada,
Mentida ao coração...
E's anjo de belleza e santidade
Não és ingrata, não...

Eu te creio mimosa e casta pomba
Dos vergeis dos céos.
Primorosa de graças e d'encantos
Linda virgem de Deos...

E supplico a teus pés ajoelhado
— Beijal-os com ardor...
E constante prostado eternamente
Fallar-te só de amor.

Sim... attende, meo anjo, ao triste amante
Que estremece a teos pés...
Não negues o amor que já lhe dêste
Fementida não és...

Bahia — 1870.

PERY.

(Do Pronuncio.)

apareciam subitamente em uma cilada, burlando-se d'este modo a força da autoridade.

Nos bairros mais separados, as presenças eram maiores; pois era difficil suggerir aquellas massas de homens atrevidos e temerarios.

Napoleão pisava uma terra, commovida por um volcão muito mais poderoso que o que havia apagado no resto da Europa. Elle dissera, antes de emprender a conquista: *Paiz onde ha muitos frades, é facil de subjugar sei-o por experiencia.*

Porém o oraculo moderno não estava mui inspirado, quando disse semelhante desatinos.

E' verdade que então lhe cegava o pó de ouro de sua grandesa, motivo porque, não poudo vêr nossos monges correr à brecha, lutar nas ruas, predicar a guerra nas praças publicas e multiplicar-se segundo a necessidade e as circumstancias.

A milicia de Deos não temia ás hostes do segundo Atila.

Assim é que o primeiro cuidado de Napoleão ao entrar em Madrid, foi supprimir os conventos e abolir a inquisição.

Publica-se este decreto e os frades dispersam-se na apparencia.

Emquanto na tenebrosa noite de 9 de dezembro dictava importantes disposições, sem fazer caso da autoridade com que havia revestido a seu irmão José; um homem envolto em uma espacosa capa e cuberta a cabeça com um chapéu hespanhol, marchava só pela rua de S. Bernardo com direcção ao campo.

Este homem caminhava devagar, ainda que com certa segurança, como se não temesse encontrar-se com as numerosas patrulhas que cruzavam a capital em todas as direcções. Já apoiado em uma bengalla como se lhe custasse trabalho sustentar seu corpo, e na mão esquerda levava uma lanterna, com cuja luz illuminava seus passos.

O pavimento estava escabroso e sujo.

Naquella occasião principiava a cair uma chuva miuda, o céu cada vez mais negro, annunciava um proximo temporal.

Mercê ao resplandor que se escapava da lanterna, poudo notar-se que o encapotado representava como uns setenta annos de idade: cabellos prateados cobriam suas modestas fronte e uma barba da mesma cor dava uma belleza digna e magestosa a sua serena physionomia.

Seguiu o desconhecido seu caminho, respondendo em francez ás repetidas perguntas das rondas que encontrava em sua passagem, até que chegou à porta de S. Bernardino.

Esta se achava defendida por uma numerosa guarda; porém o homem que nos occupa, avisinhou-se a um soldado, perguntou-lhe pelo commandante do posto e havendo sido apresentado a elle, tirou do bolso um salvo-conduto que o autorizava a sair fora do radio da capital.

Praticada esta operação, bem prompto encontrou-se no arido espaço que circunda Madrid por aquella parte; inclinou-se para a esquerda e sem pensar nos inconvenientes do caminho, proseguio sua marcha com a mesma tranquillidade que antes.

Porém, quando houve andado uns quinhentos passos, deteve-se um instante: vol-

tou a cabeça à direita e á esquerda, por se chegava á seus ouvidos algum rumor e logo que esteve convencido de que não era observado, deo um sopro á luz da lanterna e ficou sumido na mais completa escuridão.

Concluida esta singela operação, avançou com mais rapidez e mais seguro passo por entre as trevas até mais além d'onde se encontra hoje o cemiterio de S. Luiz.

Então inclinou-se para uma barranca pouco profunda e ali encontrou um coche de caminho puxado á seis mulas.

O desconhecido não disse palavra e apezar disso um homem abrio-lhe a portinhola e des-lhe entrada no interior da carruagem.

Pouco depois o coche pôz-se em movimento, primeiro no passo, emquanto ia fora do caminho e logo ao trote, quando houve entrado nelle; e descendo pela costa de Ameros, penetrou nos espessos arvoredos que rodeam a lindissima capella de Santo Antonio da Florida.

Uma vez no caminho da Granja a carruagem partio á escape com rapidez extraordinaria, sem que por isso se sentisse nem o látego nem as vozes do cocheiro. As intelligentes mulas comprehendiam talvez a necessidade de fazerem seus maiores esforços naquella occasião.

A noite era tão escura, que por mais que o misterioso viajante houvesse querido examinar as immedições do caminho, teria sido assumpto pouco menos que impossivel. Assim foi que accommodando-se o melhor possível no interior do coche, ou adormeceu ou entregou-se á meditações tão profundas que não bastaram á arrancal-o dellas as duas detenções que houve com o objecto de mudar os tiros.

Quatro horas, pouco mais ou menos durou a viagem.

Das 8 ás 12 correram as sete leguas que separam Madrid de Escorial.

O coche deteve-se atraz da horta do mosteiro e o desconhecido desceo da carruagem.

Logo que encontrou-se naquelle sitio solitario, principiou a caminhar pausadamente, porém com a segurança sufficiente do que conhece o terreno. Assim continuou, servindo-lhe de guia o tapamento da horta, pois a escuridão o fazia vacillar algumas vezes e a chuva agoutava seu semblante.

Algun tempo depois de seguir aquella direcção, tropeçou com uma porta, a qual suavemente empurrada abrio-se de par em par.

Não titubeou o desconhecido de entrar por ella, como se esta porta entre-aberta fosse um signal de antemão convencionado: e avançou por uma senda cuberta por parreiras, cujas folhas secas cahidas no chão, crugiam surdamente ao passar.

D'este modo avisinhou-se lentamente á imponente obra do mosteiro, que apenas se descubria no fundo.

Quando o caminho que seguia houve terminado, notou que tinha uma escada á baixar. Desceo por ella, e no fim encontrou uma porta sumamente pequena. Aqui concluiu o caminho: o desconhecido o comprehendendo assim, e deo tres golpes nella, guardando largos intervallos de um ao outro.

Á este chamado ninguém respondeo. Tornou á chamar por segunda vez e succedeo o mesmo: porém á terceira vez que repetio es-

ta operação uma voz pronunciou em latim estas palavras :

- Quem chama na casa do Senhor ?
- Um homem, respondeu o desconhecido no mesmo idioma.
- E que quer esse homem ?
- O triumpho da justiça.
- Quem o guia ?
- A fé.
- De onde vem ?
- Do Sul.
- O que espera ?
- A queda de Moloch.

A voz emmudeceu e a porta foi abrindo-se. Então uma mão invisível apoderou-se de uma das do desconhecido e puxou delle : este deixou-se conduzir por meio de especissimas trevas, sem oppor a mais ligeira resistencia.

Depois de haver caminhado longo tempo, a mão que o conduzia separou-se delle violentamente.

O que não houvera estado iniciado naquelles segredos não teria outro remedio que ficar abandonado nos longos e escuros passadizos que havia atravessado ; porém o desconhecido esperaria a outro sem duvida, por quanto longe de assustar-se seguio de frente contando 12 passos.

Então suas mãos palpavam outra porta, que abriu-se como por encanto. Esta porta dava passo ao magnifico templo de Escorial.

Lampadas agonisantes espargiam sua debil claridade naquelles altares solitarios povoados de quadros e de imagens : na vaga penumbra das naves se destacavam immensas piastras que como gigantes de granito, pareciam velar de dia e de noite sobre o repouso do mosteiro, emquanto que algum raio de luz escapado pelos angulos daquella mollia coral, assemelhava-se a uma sombra branca sahida de algum sepulchro.

A igreja estava solitaria.

O desconhecido então, avisinhou-se a um confessoriano e tirando a larga capa em que até ali vinha cuberto, e deixando o chapéu que havia escudado sua preteada cabeleira, appareceu envolto no pardo habito de um religioso.

Por um momento ponde ver-se naquelle homem, vestido com o modesto traje de monge, um rosto que, ainda que murcho pela idade, tinha o brilho da intelligencia, o ardor da fé e o enthusiasmo da juventude.

Cobriu-se com seu capuz, para evitar que fosse conhecido e dirigiu-se á magnifica porta do panteão.

A formosa grade de bronze que separa o mundo dos mortos do mundo dos vivos, estava fechada se pausar : porém bastou um empurro do ancão religioso, para que esta cedesse silenciosamente. Então principiou a descer pela escada que baixam nossos reis, logo que trocaram a purpura pela mortallia, até que de prompto encontrou-se no centro da grande peça octavada que contém as urnas scinerarias dos monarchas hespanhóes.

Uma só lampada, illuminava a estancia funebre ; porém ao pé de cada tumba, e formando um largo circo, havia uma multidão de homens envoltos em largos e negros habitos.

Pareciam os fantasmas dos reis que sahiam de seus athaides, n'aquella hora solemne.

Longe de intimidar-se, o ancão crusou por meio dos espectros, e foi apoiar-se no sepulchro de Isabel Farnesio, segunda mulher de Felipe V.

CAPITULO VIII

A reunião dos espectros

A entrada do monge produziu um surdo murmuro entre aquelles immoveis personagens, e certa agitação que se notou em suas negras vestimentas. Parecia que sua presenca era aguardada com anciedade.

A' este murmuro, especie de respiração anhelosa, que se perdeu como uma bocanada de vento na larga aboboda do panteão, seguio-se o mesmo silencio que havia reinado anteriormente.

Um d'aquelles phantasmas observava um pequeno relógio de arêa, cuja ampulheta superior ia deixando cahir na inferior os ultimos grãos, como se se esperasse este momento para dar principio a uma daquellas impuras reacções que nos descreveram Cardene e Delanere.

Mas, ainda bem não havia marcado o relógio o termo do tempo, quando uma voz funebre e apagada sahiu de um dos encubertos, e disse :

— E' meia noite.

Estas palavras produziram um novo movimento na mysteriosa assembléa.

O encuberto que se apoiava nas urna de Philippe II, exclamou então :

— Estamos todos reunidos ?

— Todos, respondeu uma voz.

— Deve haver cincuenta irmãos, em representação dos cincuenta districtos, em que dividimos a monarchia hespanhola.

Depois que uns aos outros se olharam, como se pretendessem conhecer-se, através dos trages, em que estavam envoltos, o que parecia presidente daquella reunião proseguiu :

— Que cada irmão deposite sobre a ara do altar do panteon, o signal que o authorise para ter parte nesta assembléa.

Os encapuçados, foram pondo um á um, e sem atropellamento de nenhuma classe, uma pequena cruz de cobre, da mesma figura que o Lábaro de Constantino, com o lema—*Hoc signum crucis* estampado nos braços da cruz.

Concluida esta operação, o presidente contou cincuenta cruces, que voltaram ao poder dos encubertos pela mesma ordem que as haviam deixado.

—Ha então lugar a deliberação, sem temer que ouvidos profanos entendam nada do q' se vai tratar n'esta assembléa. Procederemos com ordem, e me atreverei á expôr os feitos, afim de que haja a maior clareza e precisão em nossos projectos.

Um murmuro surdo, ressonou em toda á assembléa ao ouvir-se estas palavras :

— Fallae, disse a mesma voz que anteriormente se ouvira.

— Irmãos ! exclamou o presidente, não quero expor-vos os males que nos torturam, porque já os sabeis. Uma perfidia diplomatica arrebatou-nos nosso rei ; uma traição encuberta encheu de soldados nosso paiz. Os guenemes do novo Alexandre, ao inva-